

ANEXOS

Anexo I – Freguesias constituintes do concelho de Aljezur

Fonte: Instituto Nacional de Estatística, 2012



FREGUESIA DE ODECEIXE

Área: 45,23 km²
Densidade populacional: 20,49 hab/km²
População residente: 927
(Censos 2001)



FREGUESIA DE ROGIL

Área: 34,55 km²
Densidade populacional: 34,21 hab/km²
População residente: 1182
(Censos 2001)



FREGUESIA DE ALJEZUR

Área: 163,66 km²
Densidade populacional: 16,42 hab/km²
População residente: 2687
(Censos 2001)



FREGUESIA DE BORDEIRA

Área: 79,53 km²
Densidade populacional: 6,19 hab/km²
População residente: 492
(Censos 2001)

Anexo II – História de Aljezur

Fonte: http://www.adpha.pt/adphaa_018.htm, Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur (acesso em Setembro de 2012).

Vestígios do passado pré-histórico atestam a importância deste concelho para povos como os mirenses (7000 anos a.C. final da Idade Glaciária). Sendo povos nómadas, caçadores/recolectores, caçavam e apanhavam mariscos do mar com os seus machados rudimentares, assim como escavavam a terra à procura de tubérculos ou raízes, constituindo assim a base da sua alimentação.

Também da pré-história é um vasto conjunto de peças em pedra polida, sílex, entre outros, atribuído ao período Neolítico Final/Calcolítico (3000-2500 anos a.C.), que se encontra em exposição no Museu Municipal em Aljezur.

Da Idade do Bronze (1200-900/800 anos a.C.) surge a Necrópole de Corte Cabreira, na freguesia de Aljezur, detetada em 1990, sendo alvo posteriormente de escavações de emergência.

No entanto, é do período islâmico (séculos X-XII) que se reserva o maior esplendor arqueológico do concelho de Aljezur, comprovado por escavações arqueológicas levadas a efeito quer no Castelo de Aljezur, na Ponta da Atalaia (*Ribat* da Arrifana), Ponta do Castelo - Carrapateira, na Igreja Nova Aljezur ou em Alcária, freguesia de Aljezur.

Ocupação Antiga no Concelho de Aljezur

Dadas as características geográficas e geológicas do território de Aljezur, a ocupação humana mais antiga que se conhece, até há data, remonta ao Epipaleolítico (+/- 11 000 a.C.) e ocupa o alto de uma falésia perto da ponta da Atalaia. Trata-se de uma ocupação sazonal de mariscadores que iam ocupando estes pontos elevados sobre o mar, recoletando marisco para a sua subsistência. Conhecidos por concheiros, já que são as conchas de bivalves e moluscos que ocupam o maior volume dos restos deixados, e que se encontram às dezenas por todo o Sudoeste Algarvio.

Os artefactos são normalmente muito escassos e estão divididos em macro-utensilagem normalmente produzida sobre calhaus de grauvaque e a micro-utensilagem em lascas ou lâminas de sílex.

Mais tarde, cerca de 7 000 a.C., e ainda no Epipaleolítico, surge um outro conjunto de indústrias líticas cujo período de fabrico parece ser muito prolongado conhecido como

Mirenses. Trata-se de uma macro-indústria, composta pelos característicos Machados Mirenses, instrumentos de grauvaque com cabo e cabeça espatulada, e pelos pesos de rede, executados a partir de calhaus chatos com dois pequenos golpes laterais. Acompanham esta macro-utensilagem de grauvaque pequenos utensílios em sílex. É provável que esta indústria lítica tenha perdurado durante toda a Pré-história.

A estratégia de ocupação desde o Epipaleolítico até ao Neolítico final/Calcolítico é praticamente a mesma. Continuamos a encontrar acampamentos sazonais sobre as arribas litorais ou junto de cursos de água (concheiros) apesar de no final do Neolítico assistirmos à existência de cemitérios (Igreja Nova e *tholos* de Corte Cabreira). Apesar da abundância de instrumentos, sobretudo líticos, em particular do final do Neolítico em diante, ainda não foi detetado nenhum povoado de carácter permanente desta época. Zonas como o Vidigal, Corte Cabreira e Igreja Nova são locais prováveis da localização desses povoados.

Na zona da Praia da Amoreira situa-se o concheiro mais antigo desta fase (Neolítico Antigo).

Ao contrário do que sucedia até esta fase, conhecemo-la pela existência de cemitérios, as chamadas necrópoles de cistas, constituídos por conjuntos de pequenas campas (+/- 0,90x0,45m), abertas no solo de base e lajeadas por placas finas de xisto e com uma tampa do mesmo material. Estas sepulturas contêm por vezes algum espólio, sendo bem patente uma cada vez maior diferenciação social entre a população. Uma das mais importantes e mais escavadas necrópoles desta fase é a de Corte Cabreira, identificada no séc. XIX por João Batista da Silva Lopes, sendo ainda referenciada por Estácio da Veiga. As primeiras escavações foram realizadas por Álvaro Dias Mendes sob a direção de José Formosinho. A partir de 1990 a Dr.^a Teresa Gamito, da Universidade do Algarve, realizou, com o apoio da Câmara Municipal de Aljezur, diversas campanhas de escavação e limpeza, tendo identificado um conjunto de 19 sepulturas, destas, 6 foram escavadas e 3 continham pequenas oferendas em cerâmica e metal.

Em plena urbanização turística do Vale da Telha, foi posta a descoberto, em Agosto de 2006, necrópole da Idade do Bronze (1800-1200 a.C.). Composta por 18 sepulturas, sendo recolhido vários espólios.

O Castelo de Aljezur parece ser o único local onde até ao momento se identificaram vestígios de ocupação da Idade do Bronze com carácter habitacional.

Na Alcaria situa-se o único local onde até agora se identificaram cerâmicas da Idade do Ferro de características Orientalizantes.

Período Romano

A presença romana no território de Aljezur é conhecida desde os trabalhos de Estácio da Veiga que recolheu diversos materiais em áreas sempre relacionadas com a mineração. O trabalho de prospeção efetuado pela Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur revelou uma presença mais extensa e diversificada. Hoje conhecem-se locais de exploração mineira, *villae*, e cemitério. Os dados que possuímos apontam para uma presença romana desde séc. I a.C. até pelo menos ao séc. IV d.C.

Os materiais recolhidos na área do Vidigal e Arregata, aponta para uma importante presença neste local e para a existência de uma ou mais explorações agrícolas e um cemitério. Tem-se recolhido neste local fragmentos de lucernas, *sigillatas* sudgálicas, hispânicas e claras, fragmentos de ânforas e materiais de construção.

Algumas moedas romanas completam o espólio recolhido em diversos locais.

Também no Castelo de Aljezur e próximo da Praia do Amado (Carrapateira) foram recolhidos fragmentos de ânforas, *sigillatas* e uma moeda. As minas de ferro da Corte de Sobro (Aljezur) e manganês (Carrapateira) foram, segundo Estácio da Veiga, exploradas desde o Período Romano.

Período Muçulmano

Os Árabes entraram pelo Sul da Península Ibérica em 711, comandados por Tariq que derrotou o último rei visigodo Rodrigo, dominando todo este vasto território até 1492, quando os reis católicos de Espanha os expulsaram do Reino Muçulmano de Granada.

No Ocidente Peninsular, território onde se situa hoje Aljezur, os Árabes permaneceram até 1249 quando o seu último reduto foi conquistado pelas tropas de Paio Peres Correia.

O Castelo de Aljezur cuja fundação se atribui aos Árabes no séc. X era então um importante ponto estratégico para a defesa da vila.

O legado islâmico no concelho de Aljezur é vasto. A atestá-lo então: Alcarias, Povoado de Pescadores, Topónimos, Atalaias, o *Rîbat* da Arrifana. São deste período as noras, e sistemas de irrigação, moinhos e azenhas, os citrinos e muitos utensílios do quotidiano. São mais de 900 os vocábulos portugueses que têm origem Árabe. A Civilização Islâmica aqui esteve instalada durante mais de cinco séculos. Resta o Castelo, o *Rîbat* da Arrifana, o Povoado de Pescadores da Carrapateira, a Torre Atalaia de Odeceixe.

Anexo III – Lendas e tradições Aljezurense

Fonte: Junta de Freguesia de Aljezur, http://jfaljezur.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=16&Itemid=38 (acesso em Setembro de 2012).

Lenda: A tomada do castelo

D. Paio Peres Correa, e entramos agora no mundo da bela lenda, conhecedor da situação privilegiada da velha fortaleza e da vigilância apertada que os moiros exerciam, mandou batedores no intuito de estudar as características do local e os hábitos das gentes, com vista à elaboração do seu plano de ataque.

Conseguiram “aliciar” uma moira de nome Maria Aires, de raro encanto, que lhes contou, como era costume e habito muito antigo e ainda observado, na madrugada do dia 24 de Junho os habitantes da região irem tomar banho à Praia da Amoreira. Tanto bastou para que D. Paio arquitetasse o seu plano de ataque, tirando proveito daquela tradição moirisca. Assim, na noite de 23 para 24 de Junho, as nossas tropas esconderam-se num vale próximo do castelo que hoje è conhecido pelo Vale de D. Sancho, em honra daquele nosso valoroso Monarca (D. Sancho II) e aguardaram que, com o amanhecer, os moiros iniciassem o seu ritual. As horas passavam lentas naquela longa espera que os nossos aproveitaram para se cobrirem com arbustos, e assim poderem, mais facilmente, desenvolver a aproximação final. Com o despontar da aurora começou o longo desfilar dos confiantes moiros, quem sabe se pelo mesmo caminho que ainda hoje lá existe pelo lado esquerdo do Rio, bordejando o vale, imenso e fértil, formado pelos aluviões da Ribeira de Aljezur.

Assim que tal lhes pareceu propício e ainda a coberto da semi-obscuridade, aquele punhado de valentes portugueses iniciaram a aproximação do castelo, àquela hora já deserto, bem como toda a restante povoação.

Eis senão, quando uma rapariguita, neta de uma velha que havia ficado, afinal, vigilante no castelo, apercebendo-se dos movimentos das nossas tropas, correu para a avô, alertando-a, na sua ingénua infantilidade, que as moitas estavam a andar, pois, como referidos, os portugueses tinham tido a preocupação de se camuflarem com arbustos. A anciã, sem descortinar no logro em que incorria, tentou dissuadir a neta, dizendo-lhe que tal facto se devia, por certo à aragem que soprava.

De repente, porém, e em catadupas, irromperam os nossos, pelo portão da fortaleza, dominaram a velha que esboçou a pretensão de dar o alarme fazendo acionar um sino que estaria colocado na torre da cisterna, tomaram posições, apreenderam as armas e então,

eles próprios, deram o alarme. Os moiros, céleres e atónitos, regressaram à povoação, sendo completamente aniquilados à medida a que iam entrando no recinto amuralhado. Aljezur era Portuguesa. À bela Maria Aires, como recompensa dos serviços prestados e parecer que também pelos seus encantos que teriam favoravelmente impressionado a D. Paio, foi-lhe poupada a vida e para que não fosse molestada, construíram-lhe uma casa num local próximo de Aljezur a que ainda hoje, se chama, em sua memória, a daquela bela moira de lindos cabelos negros, Mareares.

Nota: O castelo seria tomado ao romper da alva, e os cavaleiros logo se ajoelharam para agradecer a vitória a Deus e a Nossa Senhora da Alva, ficando a Padroeira de Aljezur a chamar-se “N.^a Sr.^a D’Alva”.

Nota: Quando os mouros regressam após o cumprimento sagrado de um Ritual Místico, são decapitados na zona sul do castelo, passando a chamar-se de "Degoladouro" e as suas cabeças arremessadas para o cerro a norte, denominado posteriormente de "Cabeças".

F.E. Rodrigues Ferreira

Lenda: As Santas Cabeças

Na ponta mais ocidental do Algarve, aí está o concelho de Aljezur. Da sua antiguidade dão notícia achados arqueológicos do paleolítico e elementos de cultura mirenses (4.000 AC), para além de descobertas de cerâmica grega. Pois na Igreja matriz desta vila estão depositadas duas caveiras conhecidas como Santas Cabeças. Um pouco de toda a região ali afluem grupos de pessoas, padecendo de mordeduras de cães e de outros animais, dores de cabeça e de dentes, males de coração e outros. Procuram lenitivo, cura. E aquelas relíquias são veneradas e dizem-nas milagrosas. E a história vem do tempo do Rei D. Manuel I e do Bispo do Algarve D. Fernando Coutinho. Pois então existiam no espaço geográfico deste concelho dois lavradores, João Galego e Pedro Galego, pai e filho, reconhecidamente trabalhadores, bondosos e justos. Porém, a fama deles cresceu quando começou a constar que apenas com o hálito curavam os doentes que junto deles acudiam. E deles restam a lenda e as Santas Cabeças de Aljezur, que continuam a ser veneradas.

Tradição: O Banho 29

O “Banho 29” como ficou conhecido, tornou-se uma tradição entre os serranos, crentes, de que neste dia de Agosto as águas do mar se encontravam bentas. Por isso, a 29 de Agosto,

homens, mulheres e crianças banhavam-se no mar, levando consigo os animais domésticos e nem o gado escapava ao banho.

Montados em burros, a pé, conduzindo em grupos, rebanhos de cabras, bodes e ovelhas, jumentos, mulas e até cavalos utilizados na lavoura das terras, as populações rurais desciam da serra às praias mais próximas para o “Banho 29”.

Desde as praias no concelho de Aljezur, como Bordeira, Carrapateira e Odeceixe, passando pelos areais de Lagos, Portimão, Quarteira, Manta Rota e Vila Real de Santo António, a população do campo juntava-se em grupos para cumprir a tradição.

Em tempos remotos, os homens usavam como fato de banho (ceroulas compridas atadas com nastro aos artelhos), enquanto as mulheres vestiam combinações ou camisas de dormir compridas de serapilheira.

O primeiro banho era logo tomado às 07:00 h, altura em que, segundo a tradição, a água está benta. O segundo banho fazia-se cerca das 10:30 h e o último às 16:00 h.

“Tomar banho neste dia é como tomar nove banhos”, afirmam os mais velhos com um sorriso matreiro que deixa antever as brincadeiras e partidas com que se entretinham e pregavam às raparigas.

Com o decorrer dos anos, a tradição e a importância destes banhos foi-se perdendo, restando agora apenas nos mais velhos uma saudosa memória dos tempos de juventude.

Anexo IV – Fauna e Flora de Aljezur

Fonte: Camara Municipal de Aljezur, [http://www.cm-aljezur.pt/portal autarquico/aljezur/v_pt-pt/menu_turista/concelho/ambiente/](http://www.cm-aljezur.pt/portal_autarquico/aljezur/v_pt-pt/menu_turista/concelho/ambiente/) (acesso em Setembro de 2012).

Fauna

Um dos aspetos mais interessantes desta costa é a diversidade de aves que é possível observar, destacando-se as migratórias que elegem esta zona como corredor de passagem entre a Europa e o Norte de África. É de especial significado a migração outonal de aves planadoras, envolvendo alguns milhares de rapina, entre outras.

Nas falésias rochosas é possível encontrar espécies diversificadas que aí nidificam, como o falcão-peregrino e a gralha-de-bico-vermelho, destacando-se a cegonha branca (*Ciconia ciconia*) que nidifica na zona de arribas marítimas, constituindo um caso único de utilização deste tipo de habitat.

Ao longo de toda a linha de costa, encontra-se a única população portuguesa de lontra (*Lutra lutra*) que utiliza o meio marinho para se alimentar de peixes e crustáceos litorais, sendo também rara na Europa.

O estado de relativa conservação do litoral marinho é de grande importância para a manutenção de algumas espécies, como o mero, espécie de peixe ameaçada, que já quase desapareceu da restante costa portuguesa.

Nos habitats ribeirinhos, como as ribeiras de Aljezur e de Seixe, as espécies nidificantes incluem as garças vermelha e pequena, o galeirão e passeriformes, como o sonoro rouxinol-grande-dos-caniços.

Os morcegos, comedores de insetos, podem ser avistados ao anoitecer; entre estes podem-se observar o morcego-de-água e o morcego-de-peluche.

A nível terrestre predominam as espécies faunísticas mediterrânicas, destacando-se a frequência de várias espécies de carnívoros, como raposas, ginetos, texugos e fuínhas e, no interior, o saca-rabos, o gato bravo e o javali.

Entre os vertebrados pode fazer-se referência aos répteis e anfíbios, abundantes e diversificados que, no conjunto, constituem uma parte significativa da fauna portuguesa.

Em Aljezur, predominam as seguintes espécies:

Aves: Gaiivota, Cegonha, Águia - Sapeira, Águia - Pesqueira, Peneireiro, Perdiz, Pisco, Melro, Carriça, Rouxinol, Cartaxo, Pato Bravo, Narceja, Codorniz, Turcas, Galinha d'água, Corvo, Gavião, Pardal, Picanço, Coruja, Mocho, Pintassilgo, Guarda-Rios,

Rouxinol dos Caniços, Garça Branca, Garça Pequena, Trigueirão, Tentilhão, Abelharuco, Pica-Pau.

Animais Terrestres: Lontra, Toupeira, Rato d'água, Rã verde, Cágado de Carapaça estriada, Ouriço -Cacheiro, Lebre, Coelho, Javali, Techugo, Doninha, Saca - Rabos, Raposa, Furão, Gato-Bravo

Animais do Mar: Sargo, Robalo, Sardinha, Moreia, Carapau, Faneca, Safio, Safia, Dourada, Bodião, Bezugo, Salema, Corvina, Peixe Porco, Anchova, Achegã, Liza, Bordalo, Abrótea, Badejo, Rascasso, Choupa, Ruivo, Caboz, Cavala, Salmonete, pargo, Bica, Raia, Linguado, Avaria, Enguia, Tainha, Polvo, Lula, Choco.

Marisco: Perceves, Lagostim, Lagosta, Santola, Navalheira, Lavagante, Búzios, Amêijoia Preta, Berbigão, Lingueirão, Caramujos, Lapas, Mexilhão, Ouriços do Mar, Estrela-do-mar, Bugau

Flora

Para além das plantas endémicas, a flora da zona do Parque Natural conta com vinte e sete espécies raras ou muito raras.

Nas falésias e nas arribas litorais a flora encontra-se condicionada pela intensa ação dos ventos, não permitindo o desenvolvimento de comunidades arbóreas ou arbustivas de porte considerável.

Nas plataformas elevadas, sobranceiras à linha da costa – grande planalto litoral, podemos encontrar notáveis campos dunares, os chamados “medos”.

A valiosa vegetação nesta zona caracteriza-se, nomeadamente, pela existência de espécies endémicas como a *Biscutella vicentina* e a *Armeria royana*.

De salientar a existência de um pequeno arbusto de forma arredondada, com interesse ornamental, a joina-das-areias, que apresenta uma floração amarela, principalmente nos meses de Abril a Junho e que imprime à paisagem particular beleza.

No meio marinho litoral encontra-se grande variedade de algas e importantes bancos de gelédeo, que no conjunto produzem uma quantidade importante de matéria-prima para a produção nacional de ágar-ágar (Hidrocolóide extraído de diversos géneros e espécies de algas marinhas. A agarose é um polímero que dissolvida em água quente e seguidamente arrefecida toma uma consistência gelatinosa. Esta propriedade é usada em investigação laboratorial, medicina, culinária e na indústria).

Nas serras que bordejam esta área litoral destaca-se a existência do medronheiro, cujo fruto é comestível e muito apreciado para o fabrico de aguardentes, uma tradição das gentes locais. Outras espécies florestais como o sobreiro, o pinheiro manso e bravo são também frequentes.

A flora apresenta ainda um conjunto de espécies aromáticas e medicinais, como o rosmaninho, o tomilho, o loureiro, o orégão e outras, como o tojo ou a urze.


Arbustos: Murta, Medronheiro, Espargo, Aroeira, Tojo, Zimbros, Alecrim, Rosmaninho, Esteva

Vegetação: Junco, Loendro, Tábua – Estreita, Caniço, Silva, Amieiro

Árvores: Oliveira, Alfarrobeira, Figueira, Laranjeira, Amendoeira, Sobreiro, Azinheira, Loureiro, Pinheiro Manso, Pinheiro Bravo, Cipreste, Choupo – Branco, Freixo

Anexo V – Lista de Praias de Aljezur

Fonte: Câmara Municipal de Aljezur, 2012

Praia de Odeceixe (FAM) 

Praia de Odeceixe Sul “Praia das Adegas” (AN)

Praia da Samouqueira (AN)


Praia de Vale dos Homens (AN)

Praia da Carriagem (AN)

Praia da Amoreira (FAM)

Praia de Monte Clérigo (FAM) 

Praia da Arrifana (FAM, SURF/BB) 

Praia de Vale Figueiras (FAM, SURF/BB) 

Praia da Bordeira (AN)

Praia do Amado (AN, SURF/BB)

Anexo VI – Receitas típicas aljezurense

Fonte: Câmara Municipal de Aljezur, http://www.cm-aljezur.pt/portal_autarquico/aljezur/v_pt-pt/menu_turista/turismo/gastronomia/ (acesso em Setembro de 2012).

Couvada com batata-doce

Ingredientes: 1,5 Kg de carne de porco; 2 batatas-doces; 1,5 Kg de couve.

Confeção: De manhã era costume acender-se o fogo de lenha, colocando-se uma panela com água ao lume. Logo que a água levantasse fervura, juntava-se a carne já preparada e temperada. A meio da cozedura, junta-se a couve à carne. Depois da couve “ataloadada” põe-se uma ou duas batatas-doces inteiras, porque a batata-doce coze mais rápido que a carne. Acompanha com fatias de pão caseiro.

Feijão com batata-doce

Ingredientes: 350 g de feijão; 3 batatas-doces; 1 cebola média; 2 dentes de alho; cravinho q.b.; 250 g de morcela; 250 g de farinha; 150 g de toucinho; 300 g de chouriça; 0,5 Kg de carne de porco; 2 dl de azeite; água q.b.

Confeção: Coze-se um pouco o feijão em água e de seguida junta-se todos os outros ingredientes. Deixa-se cozer e tempera-se a gosto.

Rojões de porco com batata-doce frita

Ingredientes: 2 Kg de carne de porco; 2 colheres de sopa de pimentão; 3 dentes de alho; 2 dl de vinho branco; sal q.b.

Confeção: A carne de porco é cortada aos bocadinhos e temperada de véspera com pimentão, alhos, vinho e sal. Por fim a carne é frita numa frigideira com banha. Acompanha com batata-doce frita às rodelas.

Bolo de batata-doce

Ingredientes: 500 g de açúcar; 500 g de farinha; 500 g de batata-doce crua, descascada e ralada; 8 ovos; 1 colher de sopa de fermento em pó; canela q.b.

Confeção: Bate-se bem os ovos com o açúcar, em seguida junta-se a farinha, à qual previamente tinha sido misturado o fermento e a canela, e por fim mistura-se a batata-doce ralada. Vai ao forno numa forma untada de margarina e polvilhada de farinha.

Pastéis de batata-doce

Ingredientes para 4 pessoas: 250 g de farinha; 1 ovo; 50 g de manteiga derretida; 25 g de banha caseira; sumo de laranja; sal; 1 cálice de aguardente de medronho; batatas-doces; açúcar; raspa de limão; 30 g de canela.

Confeção: Partem-se para um alguidar ovos junta-se sal, sumo de laranja e um pouco de banha de porco. Bate-se muito bem. Junta-se um cálice de aguardente de medronho, batendo-se mais um pouco, depois vai-se juntado a farinha, continuando a mexer muito bem. Quando a massa começar a querer deslocar-se do alguidar vai sendo sovada e polvilhada com farinha. Assim vai sendo trabalhada até ela deslocar completamente do alguidar. Nessa altura é retirada para cima de uma pedra ou mesa, continuando-se a sovar e a bater com ela na pedra, para que ganhe elasticidade tendo o cuidado de juntar a referida pedra com azeite de vez em quando, para não pegar. Corta-se a massa com uma faca e se no meio tiver muitas bolhas está pronta. Cozem-se batatas com pele, depois de bem cozidas retira-se a pele e passam-se pela varinha mágica. Ao puré de batata juntam-se açúcar, raspa de limão e canela. Leva-se o açúcar ao lume com um pouco de água até o açúcar começar a fazer ponto de estrada. Retira-se do lume junta-se o puré de batata-doce mexendo muito bem e mistura-se a raspa de limão e a canela. Vai novamente ao lume para que fique bem enxuto, mas tendo o cuidado de não deixar queimar. Este puré só pode ser utilizado depois de frio. Estendem-se então os bocados de massa na pedra e com um rolo apropriado passa-se por cima até esta ter uma espessura mínima onde se colocam montinhos do recheio, cortando-os à volta com uma carretilha. Vão-se pondo de lado e quando estão todos recortados frita-se em óleo quente. Depois de fritos polvilham-se com açúcar.

Torta de batata-doce

Ingredientes: 0,5 Kg de batata-doce; 400 g de açúcar; 6 ovos; raspa de 1 laranja; canela q.b.; uma colher de chá de fermento; três colheres de sopa de farinha; manteiga q.b; farinha q.b.

Confeção:

Coze-se a batata-doce e passa-se pela varinha mágica. À parte, mistura-se o açúcar com os ovos e mexe-se muito bem. Depois junta-se a batata-doce já passada, raspa de laranja, a canela, o fermento e a farinha. Mexe-se tudo muito bem e coloca-se num tabuleiro com uma folha de papel vegetal untada em manteiga e polvilhada com farinha. Vai ao forno. Quando estiver cozida, polvilha-se uma superfície com açúcar, coloca-se a massa já desenformada e quente, e vai enrolando com muito cuidado, com a ajuda de um pano.

Anexo VII – Mapa turístico de Aljezur

Fonte: Associação de Defesa de Património Histórico e Arqueológico de Aljezur, 2012



Anexo VIII – Mapa de acessibilidades Aljezur

Fonte: Câmara Municipal de Aljezur, 2012



Anexo IX – Lista de Associações e Grupos de desenvolvimento local

Fonte: Câmara Municipal de Aljezur, 2012

- Clube de Caça e Pesca do Concelho de Aljezur
- Grupo Desportivo Odeceixense
- Juventude Clube Aljezurense
- AJMAL - Associação Jovens em Movimento de Aljezur
- Associação Social e Cultural de Bordeira
- Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur
- Associação de Geminação de Aljezur
- Associação dos Bombeiros Voluntários de Aljezur
- Clube Instrução e Recreio Alfambrense
- Clube Cultural e Recreativo "Os Amigos da Carrapateira"
- Clube Instrução e Recreio Rogilense
- Grupo Recreativo Folclórico Amador do Rogil
- Associação de Produtores de Batata-Doce de Aljezur
- Serviços Sociais das Autarquias do Município de Aljezur
- Tertúlia – Associação Sócio-Cultural de Aljezur

Anexo X – Lista dos Recursos Museológicos

Fonte: Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur

Freguesia de Aljezur

Museu Municipal

Museu Municipal (composto por dois núcleos museológicos e uma galeria de arte), o Museu Municipal de Aljezur, vai ser ampliado com mais uma sala dedicada ao Legado Andalusino.

- Núcleo etnográfico

O Núcleo Etnográfico tenta retratar: as vivências das gentes de Aljezur. As diversas atividades agrícolas, desde a preparação das terras com arados, charruas e grades, à sementeira, à colheita manual, à debulha feita a pé-de-gado ou mangual e mais tarde com o trilho atrelado a animais, o transporte das colheitas feitas em carretas e carros de bois ou os transportes das gentes no carro das bestas e todos do sistemas de

Tentando retratar vivências, os espaço da cozinha e quarto tradicionais recriados pelas mãos de Maria Margarida Taliscas e Graciete Maria Augusta revela as características quase comuns das gentes do sul com as especificidades deste Algarve meio litoral meio serrano. Aljezur não é só o ambiente rude, também as suas gentes presentes em painel e através de objetos do quotidiano e imagens antigas de vários locais do concelho.

- Galeria Municipal de Arte

Com a representação de um quarto e uma cozinha tradicionais, apresenta ainda um amplo espaço com um valioso espólio, onde constam peças da etnografia aljezurense, tais como: a charrua, a carroça, os arados, bem como diversos utensílios utilizados na lide diária das atividades tradicionais.

A Galeria Municipal de Arte de Aljezur foi inaugurada em 25 de Abril de 1992. Concebida com total respeito pelo exterior das fachadas do edifício, sofreram estas, apenas a reformulação de alguns acréscimos menos dignos, que tinham adulterado a traça primitiva. Os vãos beneficiaram da substituição de caixilharias em madeira nas janelas, e restauro/conservação na porta de entrada.

No interior, a Galeria ocupa os antigos espaços de: Tesouraria da Fazenda Pública e Gabinete do Chefe de Repartição de Finanças. A parede divisória entre as quadras referidas

foi estruturalmente respeitada, mas aformoseada com o traçado arquitetónico dum "revivalismo" de sugestão árabe - a cultura mais fluentemente documentada, que se desenvolveu no passado, na área territorial do Concelho.

Museu Antoniano

Foi anteriormente a capela de Santo António de Aljezur, construção do séc. XVII. Depois de 1809 passou a servir de habitação, tendo sido, em 1998, aqui instalado um museu alusivo a Santo António. Possui imagens do santo de épocas diferentes, quadros, gravuras antigas, livros, moedas e medalhas, estampas e outras curiosidades relativas ao tema.

Casa museu do Pintor José Cercas

Do acervo da casa do pintor José Cercas (1914-1992), natural desta vila, constam peças de louças nacionais e estrangeiras, faianças, esculturas, arte sacra, valioso mobiliário de várias épocas, quadros e desenhos da sua autoria e outras pinturas de artistas nacionais

Museu de Arte Sacra

Anexo à Igreja da Misericórdia, é um museu de temática religiosa (Arte Sacra), com o espólio da Misericórdia de Aljezur, da Paróquia de Nossa Senhora da Alva e com algumas ofertas e aquisições. O seu patrono é o ilustre aljezurense Monsenhor Cónego Manuel Francisco Pardal (1896/1979).

As peças estão distribuídas por sete vitrinas de acordo com o Tempo Litúrgico da Igreja Católica: Advento, Natal, Tempo Comum, Quaresma e Semana Santa, Páscoa, Pentecostes e Tempo Comum. De destaque é a primeira vitrina que contém objetos pessoais e outros, referentes ao patrono deste museu.

Freguesia do Rogil

Moinho da Arregata

A escassos metros de Rogil, sede de freguesia, encontra-se o Moinho de Arregata. Também aqui é possível observar-se os engenhos e utensílios artesanais de moagem de cereais.

Freguesia de Odeceixe

Moinho de Odeceixe

Localizado no alto da vila de Odeceixe. Em pleno funcionamento, é possível observar-se todo o processo artesanal de moagem de cereais, onde o moleiro vigia a direcção do vento e domina todas as tarefas implícitas na moagem. Também deste local poderá desfrutar de uma magnífica panorâmica sobre o casario branco da vila, sobre a várzea e sobre a serpenteante ribeira de Seixe.

Adega Museu

Este núcleo museológico pretende recriar um espaço de adega, tal como outrora existiam várias nesta zona, sobretudo entre as décadas de vinte e quarenta do século XX. Esta casa desempenhava para o seu proprietário uma função social. Para ela convidava os amigos para a “prova do vinho” e para a “petisqueira”, como nela se podia ultimar um “negócio” ou oferecer a “adiafa” (refeição ou merenda oferecida aos trabalhadores pela conclusão de uma tarefa agrícola ou de uma construção). No seu espólio podem ser observados os utensílios suficientes para o desempenho da atividade.

Freguesia da Bordeira

Museu do Mar da Carrapateira

Localizado na aldeia da Carrapateira, este museu pretende transmitir a vida do mar e de quem dele subsiste, assim como as atividades ligadas à terra, através de audiovisuais e da representação de objetos e utensílios utilizados na lide diária dessas atividades tradicionais.

Anexo XI – Lista dos Recursos de património Arqueológico

Fonte: Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur, 2012

Ponta do Castelo – Carrapateira

A localização das estruturas habitacionais, em alta arriba sobranceira ao mar, as suas dimensões, assim como os espólios exumados, indicam terem formado pequeno povoado, provavelmente sazonal, dedicado à exploração dos recursos marinhos. Trata-se de subsistência complementada, consoante as estações do ano, com a agricultura, conduzindo economia agromarítima, ainda frequente na Costa Algarvia na passada centúria.

A pesca e a recolção de mariscos constituíam não só a principal fonte alimentar dos residentes neste povoado mas o peixe, depois de salgado e seco, poderia entrar nos circuitos comerciais, servindo como moeda de troca com diferentes produtos de outras regiões do interior, nomeadamente cereais.

A localização deste assentamento, em promontório, sugere, dadas as más condições habitacionais que proporcionaria, devido aos fortes ventos que se fazem sentir quase todo o ano acompanhados por grande humidade, a função de observatório do mar, talvez tendo em vista a baleação.

O osso de baleia encontrado, quiçá utilizado como banco, poderia ter pertencido a animal ali caçado, pois aquele mamífero marinho, hoje desaparecido do mar do Algarve, era abundante no *Garb al-Andalus*.

O povoado da Ponta do Castelo é o primeiro assentamento de pescadores do período muçulmano a ser investigado no atual território nacional, aguardando-se que o estudo dos testemunhos descobertos constitua contributo para o conhecimento da vida daquelas comunidades, como da herança cultural por elas legada.

Os trabalhos arqueológicos que aqui se vêm desenvolvendo são da responsabilidade científica dos arqueólogos da Universidade Nova de Lisboa, Arquiteto Mário Varela Gomes e Professora Doutora Rosa Varela Gomes.

Silos Islâmicos - Alcaria e Barrada

Quando em Agosto de 1998, no sítio da Alcaria, freguesia de Aljezur, uma máquina retroescavadora que estava a proceder ao assentamento de tubagens para abastecimento de água à Zona Sul do Concelho de Aljezur, ao abrir uma vala verificou-se que havia cortado

ao meio quatro silos, escavados na rocha calcária, de origem árabe de acordo com os vários fragmentos de cerâmica e telha neles depositados.

Na presença do Presidente da Câmara e Vereadores, foi mandado parar os trabalhos naquele local e com a colaboração de um funcionário municipal que tem acompanhado várias escavações arqueológicas no Concelho, nomeadamente, Corte Cabreira e Castelo de Aljezur, recolheu todo o material cerâmico e outro, nomeadamente ossos e conchas, bem como procedeu à crivagem das terras anteriormente removidas, recolhendo-se ainda mais fragmentos cerâmicos.

Foi contactada pela Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur que fez deslocar ao local dois elementos, tendo posteriormente recolhido e lavado as cerâmicas, verificando tratar-se de material da época muçulmana de acordo com as pinturas patentes em algumas delas.

Contactando o arqueólogo Dr. Luís Barros, este confirmou a importância do achado arqueológico. O achado foi localizado (assinalado) em carta topográfica à Esc: 1:25.000, e procedeu-se à recolha dos materiais com acompanhamento de pessoa idónea.

Silos Islâmicos na Barrada (Aljezur)

Os trabalhos de construção dos acessos à nova Escola Básica Integrada e Jardim de Infância de Aljezur, vieram pôr a descoberto um conjunto de estruturas islâmicas, em grande parte constituídas por silos. As obras para a construção da rotunda destruíram e, ao mesmo tempo, revelaram um conjunto de 9 possíveis silos a que se juntaram outros 5 no topo da plataforma, constituindo um importante conjunto de estruturas. Em 3 delas foi possível recolher parte do enchimento constituído por restos de alimentação (cascas de mexilhões, lapas, ameijoas, berbigão, caramujo, perceves, búzios e caracóis terrestres para além de alguns ossos de coelho e cabra/ovelha ou veado) e vasilhas cerâmicas. Apesar das condições de recolha foi possível verificar que as cerâmicas deitadas para dentro dos silos deveriam corresponder a peças quase completas, a grande maioria de cerâmica comum apresentando pintura e correspondendo às formas caçoila, jarra, taça e cântaro.

Não é possível ainda com precisão datar os materiais ainda que os mesmos devam ser dos séculos XI/XII, sendo obviamente os silos de data anterior.

A intervenção efetuada pela Associação sob a orientação do arqueólogo Luís Barros, colaborador da Associação, contou com a participação de associados, professores e alunos da Escola EB E/JI de Aljezur e do Clube de Arqueologia com o apoio da Câmara

Municipal de Aljezur, porque os silos se situam em terrenos de vários proprietários e, porque não foi autorizado até hoje a continuação dos trabalhos arqueológicos, os mesmos encontram-se suspensos, não permitindo assim fazer relatório completo sem o estudo do espólio recolhido, facto que esta Associação lamenta profundamente.

Torre Atalaia - Odeceixe

Para quem sai de Odeceixe e segue pela estrada que nos leva pelo interior da Freguesia, até Zambujeira da Serra, serpenteando a Ribeira de Seixe, percorridos cerca de 5Km, encontra-se um caminho à direita. Seguindo por este e percorridos cerca de 1Km localizam-se as estruturas de uma possível torre. Os topónimos nas imediações do local são elucidativos: Vale da Torre de Cima, Porto da Torre e Porto das Pedras.

Foi localizada pelos investigadores da prospeção arqueológica de 1988 e está referenciada nas cartas do IPA e SEC/1989, havendo referências que será do Período Islâmico. A pedido da Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur, em 2005 a Junta de Freguesia de Odeceixe procedeu a uma desmatagem da densa vegetação que cobria totalmente o local, pondo a descoberto estrutura de forma circular, com alguns muros no interior. Este sítio foi visitado, em Agosto de 2005, pela Professora Doutora Rosa Varela Gomes, Vereador da Cultura do Município de Aljezur e Presidente da Associação, tendo-se concluído que só uma limpeza das camadas de folhas secas que cobrem todas as estruturas, bem como o desbaste da vegetação circundante, se conseguirá compreender melhor qual a origem e função do monumento. Este trabalho decorreu em Agosto de 2006, com acompanhamento arqueológico e apoio da Junta de Freguesia de Odeceixe, Município de Aljezur, bem como desta Associação.

Trabalhos arqueológicos realizados no local em 2007/2008, puseram a descoberto alguns troços de muralha, compartimentos interiores, uma segunda torre adoçada à primeira e alguns espólio.

Apesar de nos meses de Verão se armar, frente à Praia da Arrifana, uma armação de pesca, só no reinado de Filipe III (1635) aí se mandou levantar um Forte para defesa dos pescadores, da praia e enseada, sendo Governador e Capitão-Mor do Reino do Algarve, D. Gonçalo Coutinho.

Com o passar dos anos, o forte foi-se progressivamente destruindo, sobretudo devido à ação do tempo e das águas do mar nas marés vivas. Reedificado em 1670, foi em 1755

atingido pelo grande terramoto, tendo ficado profundamente danificado. Autêntico miradouro natural, daqui poderá desfrutar de uma das mais belas panorâmicas da Costa Vicentina.

Ruínas da Fortaleza da Arrifana – Mandada construir em 1635 por D. Gonçalo Coutinho, Governador do Reino do Algarve, assume a sua função de defesa da orla costeira do ocidente algarvio. Em 1670 a fortaleza é reedificada pela Conde de Val de Reis D. Nuno da Mendonça, Governador e Capitão-General do Reino do Algarve. Sobre a porta de entrada estava colocada uma lápide onde constava a data de construção da fortaleza, bem como um Escudo Nacional e o Brasão dos Coutinhos.

Ficou muito arruinada pelo terramoto de 1755, por alterosas vagas que se seguiram ao violento sismo chegando a atingir trinta braças de altura, tendo ao longo dos séculos sido alvo de várias obras de beneficiação e restauro.

Abandonada há muito tempo, em 20 de Abril de 1940 deixou de ser considerada Fortificação Militar.

O que resta da Fortaleza da Arrifana, encontra-se em avanço estado de ruína, não está classificado, nem em vias de classificação.

Não tem interesse militar, nem tem interesse histórico relevante a nível nacional, devido ao pouco valor patrimonial, resta-lhes a memória da história e dos nossos antepassados que urge preservar localmente, tendo em vista o local ser um miradouro natural por excelência. Para trás ficam os áureos tempos de glória, o Forte devidamente artilhado com duas peças de artilharia e guarnição própria, com casa da guarda, camarata e paiol à prova de bomba, parada dos soldados e desfiladeiro com acesso à zona da bateria.

Ribat da Arrifana

Os trabalhos arqueológicos que têm vindo a decorrer na Ponta da Atalaia em Aljezur, puseram a descoberto o *Ribat* da Arrifana, que, segundo documentos desde o Séc. XII, indicam a sua localização no Ocidente Peninsular, mais propriamente na Costa de Aljezur.

O *Ribat*, único até hoje conhecido no nosso País e o segundo da Península Ibérica, é um convento-fortaleza, constituído por uma sucessão de mesquitas com oratórios (mirab), onde os monges-guerreiros faziam as suas orações, assim como, dependências destinadas, tanto aos monges como aos peregrinos.

Este convento – fortaleza teria sido mandado edificar pelo mestre Sufi Ibn Qasi, cerca de 1125 e foi abandonado em 1151, com a morte do seu fundador.

É um local mítico do património histórico-cultural do Al-Andalus, cuja identificação só agora foi possível fazer. O *Rîbat* da Arrifana traduz, de modo exemplar o pensamento religioso de Ibn Qasi, dada a sua localização junto ao mar.

Na extremidade da Ponta da Atalaia, escavou-se, talvez, a mais importante mesquita deste complexo religioso do Séc. XII. Trata-se de um espaço murado, integrando muro de orações e minarete, torre de onde os fiéis eram chamados, pelo menos cinco vezes ao dia, às orações.

Durante os trabalhos arqueológicos tem sido encontrado diverso espólio, nomeadamente cerâmicas de vários usos, artefactos metálicos, caixa amuleto com decoração, etc.

O *Rîbat* da Arrifana ocupa vasta área da atual Ponta da Atalaia, estando o mesmo a despertar a atenção de vários historiadores, que têm visitado o local e acompanhado os trabalhos arqueológicos. Os referidos trabalhos têm vindo a decorrer sob a responsabilidade científica dos professores Rosa Varela Gomes e Mário Varela Gomes da Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, com o apoio da Câmara Municipal de Aljezur e da Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur.

O *Rîbat* da Arrifana é hoje um dos mais importantes casos de arqueologia Ibérica e Europeia, sendo para Aljezur um marco importantíssimo do seu património histórico e cultural que urge promover, desenvolver e salvaguardar. O da Arrifana encontra-se presentemente em processo de classificação pelo IGESPAR, I.P.

Próximo do Vale da Telha, o *Rîbat* da Arrifana, convento-fortaleza fundado pelo mestre sufi Ibn Qasî, cerca de 1130, foi erguido na Ponta da Atalaia e servia durante a longa ocupação árabe como um misto de centro religioso e militar.

Escavações arqueológicas levadas a efeito puseram a descoberto um conjunto de mesquitas e de oratórios, de diferentes constituições e dimensões, continuando ainda os trabalhos por equipas de arqueólogos. Estamos perante o que resta de um dos maiores *Rîbats* jamais encontrados na Península Ibérica.

Em particular, mantêm-se extremamente bem conservados os espaços consagrados às orações a Alá, virados para Meca.

Necrópole de Vale da Telha

Em plena urbanização turística do Vale da Telha, foi posta a descoberto, em Agosto de 2006, necrópole da Idade do Bronze (1800-1200 a.C.).

Os trabalhos decorreram com o apoio do Município de Aljezur, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e da Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur. Sob a responsabilidade científica do arqueólogo Mário Varela Gomes.

Este importante achado arqueológico, constituído por 18 sepulturas formadas por lajes de xisto ou de arenito, em forma de caixa e cobertas de pedras e terra, constitui significativo contributo para melhorar e compreender, e explicar, a história dos povos que viveram na área do concelho de Aljezur.

Do espólio recolhido constam vários recipientes de cerâmica, dois artefactos de cobre ou bronze (ponta de punhal e alfinete) e peças de pedra (contas de colar, braçal de arqueiro), tendo sido encontrado esqueleto de adulto, quase completo, o que é bastante raro em necrópoles do mesmo período.

Junto à necrópole localizou-se o povoado, podendo afirmar-se que aquela comunidade vivia da agricultura, da pastorícia e, ainda, da mineração, de cobre e, talvez, de ouro e prata, não desprezando os recursos proporcionados pelo mar (recollecção de mariscos, pesca, sal). Foi solicitada superiormente a classificação oficial da necrópole, pensando a Associação de Defesa do Património e o Município de Aljezur, integrá-la em Circuito Arqueológico, contando com outros sítios arqueológicos existentes na zona, a criar num futuro próximo.

Necrópole do Corte Cabreira

A Necrópole do Corte Cabreira, situa-se no cabeço da Igrejinha, a cerca de 7Km de Aljezur, numa zona de xistos argilosos negros e argilitos negros. Escavações levadas a efeito nos anos 1990 e 1991, sob a responsabilidade da Dr.^a Teresa Gamito docente da Universidade do Algarve, vieram a revelar e identificar a necrópole da Idade do Bronze que parece situar-se em cerca de 1200 a.C., não devendo ultrapassar o milénio. Verificou-se a existência de duas fileiras de cistas, geralmente rectangulares e dispostas em ciclo em torno de dois grandes túmulos quadrangulares centrais, igualmente construídos em . Os rituais funerários sugerem a adoção de incineração e à superfície das sepulturas foram

encontrados alguns fragmentos de cerâmica atípica, de feitura manual, apontando alguns recipientes que eram utilizados no final do enterramento e ali abandonado.

Verificou-se ainda a existência de uma a cerca de 50m da necrópole da Idade do Bronze, implantada num pequeno cabeço arredondado com cerca de 15m de diâmetro. Este sepulcro megalítico, identificado em Junho de 1990, é constituído por uma câmara subcircular, com cerca de 3m de diâmetro constituída por lajes de xisto cuidadosamente ajustadas, colocadas quase na vertical, mas com uma ligeira inclinação para o exterior e por um corredor com cerca de 2,5m de comprimento e 0,8m de largura.

Poderá ter sido utilizado, muito possivelmente durante o 2.º milénio a.C., correspondendo assim a um Calcolítico Final, ou já a um Bronze Antigo/Médio. Hoje, a grande maioria das peças aqui encontradas, encontram-se expostas e à disposição da fruição do público, no Núcleo de Arqueologia do Museu Municipal.

Castelo de Aljezur

A sua construção é atribuída aos árabes que o terão edificado no início do Séc. X, no entanto, escavações arqueológicas levadas a efeito no final da década de noventa do Século passado, apontam para uma ocupação mais tardia com uma cronologia datada desde a Idade do Bronze Final até à Idade Moderna.

A fortificação atualmente existente apresenta uma planta poligonal, que remonta ao início da segunda fase do período almóada (Séculos XII-XIII) com a entrada, virada a nascente, defendida por um bastião de planta circular. O extremo oposto ostenta uma torre de planta retangular. No interior da fortificação observa-se uma cisterna (algibe) da planta retangular e cuidada construção.

Durante o período pós-muçulmano foram edificados, ao longo e encostados às muralhas, compartimentos de planta retangular e trapezoidal, correspondentes a provável aquartelamento, o que lhe detém funções essencialmente militares.

Para além dos aspetos relacionados com as suas origens e fins, destaca-se a magnífica vista panorâmica que proporciona.

O Castelo de Aljezur é monumento classificado do Interesse Público, pelo Dec. Lei N.º 129/77 de 29 de Setembro. Em 2008 o Castelo de Aljezur foi alvo de obras de restauro e consolidação, tendo sido colocado um portão em aço inoxidável na entrada e uma porta do mesmo metal na cisterna. Estas obras mereceram da parte da Associação algumas críticas.

Também o talude norte do cerro do inúmeros artefactos do período muçulmano, bem como a localização dos dois silos no seu interior.

O Castelo de Aljezur foi conquistado em 1249, sendo o último reduto árabe a se render às forças cristã, comandadas por D. Paio Peres Correia no reinado de D. Afonso III. Após a sua conquista foi doado à Ordem Militar de Santiago.

Castelo foi alvo de obras de sustentação no ano de 2006. O Castelo de Aljezur está classificado como Imóvel de Interesse Público conforme Dec. Lei n.º 129/97 de 29 de Setembro.

Monumento Nacional. Erguido pelos árabes no séc. X e tomado aos mouros no séc. XIII foi o último castelo a ser conquistado no Algarve. Embora em mau estado de conservação, mantém a sua cerca de muralhas (séc. XIV) e duas torres. Daqui desfruta-se de uma magnífica vista panorâmica: a nascente sobre a imensa várzea de Aljezur e sobre a zona da Igreja Nova, e a poente sobre o Vale D. Sancho, onde outrora se cultivava o arroz.

Fonte das Mentiras – Situada à beira do caminho, na base do contraforte oeste do cerro do castelo, é poeticamente um lugar de conjuntura arqueológica e histórica e tema de variadas lendas. É que a fonte, defendem, através de uma passagem subterrânea comunica com o castelo e ali se escondera uma bela moura, amada por um cristão, aquando da conquista da vila.

Anexo XII- Recursos Património Religioso

Fonte: Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur, 2012

Igreja da Misericórdia – Edificada no século XVI, ficou danificada pelo terramoto de 1755, pelo que foi reconstruída no século XVIII. Possui um singelo portal renascentista, que ostenta a data de 1577. Propriedade da Santa Casa da Misericórdia de Aljezur, o seu interior é também de uma grande simplicidade, com uma só nave e um pequeno e simples arco triunfal (Renascença).

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Alva ou Igreja Nova – Localizada no aglomerado urbano da vila de Aljezur denominado de Igreja Nova, foi erigida nos finais do séc. XVIII. O interior, de três naves, apresenta o retábulo da Capela-Mor em talha neoclássica (1809), ostentando a imagem da padroeira de Aljezur, Nossa Senhora da Alva.

Localizada no aglomerado urbano da vila denominado de Igreja Nova, é dos finais do século XVIII e foi construída por édito do Bispo D. Francisco Gomes de Avelar, vindo substituir a primitiva Matriz edificada após a Reconquista Cristã, na segunda parte do Século XIII, arruinada após o terramoto de 1755, ficando então “em deplorável estado, inteiramente demolida e arruinada até aos alicerces”.

Possui um interior de três naves, encerra no tecto da nave central, esculpida em madeira, uma enorme estrela, apoiada numa coroa circular dourada com a inscrição: “Stella Matutina”. O Retábulo da Capela-Mor em talha neo-clássica (1809) constitui um dos melhores exemplares do Algarve.

A Igreja Matriz contém um interessante acervo da imaginária religiosa, na sua maioria em madeira, composto por doze exemplares. Destaca-se a imagem da Padroeira (Nossa Senhora de Alva) e a imagem de S. Sebastião (outrora pertencente ao altar da Igreja de S. Sebastião, situada a sul da vila e destruída pelo terramoto de 1755).

O Espólio pictórico que exhibe é constituído por sete telas que representam respetivamente S. Pedro, S. Paulo, N.^a Senhora do Patrocínio, O Senhor com a Cruz, o Bispo S. Marçal, o mártir S. Sebastião e a Salvação das Almas do Purgatório, pintura sobre madeira de Estilo Maneirista.

Esta igreja cuja construção teve início em 21 de Setembro de 1795, foi solenemente Dedicada em 10 de Setembro de 1809, comemorando-se este ano o seu segundo Centenário.

Igreja Paroquial de Odeceixe – Construída no século XIX foi inaugurada em 1880. A padroeira é Nossa Senhora da Piedade e pertencia ao padroado da Ordem de Santiago. A arquitetura é de uma grande simplicidade, destacando-se no interior, um equilibrado arco triunfal de estilo manuelino. Capela-mor em estilo neoclássico.

Pelo que se pode ler a Igreja Paroquial de Odeceixe é anterior a 1517. O Arco Triunfal que recentemente foi posto a descoberto, muito veio valorizar o templo que possui ainda uma belíssima Pia Batismal de estilo manuelino de forma heptagonal.

Esta Igreja foi restaurada em 1880, tendo recentemente sido alvo de obras de consolidação e restauro. Possui várias imagens, paramentos e torre sineira, que sobressai sobre o casario da vila.

Anexo XIII – Lista de Alojamentos do concelho de Aljezur

Fonte: Câmara Municipal de Aljezur, 2012

Estabelecimentos Hoteleiros	Hotel Vale da Telha Hotel Alcatruz Vicentina Aparthotel Pousada da Juventude da Arrifana Albergaria Paisagem Oceano (em reconversão de tipologia) Amazigh Aljezur Hostel Hospedaria o Palazim Casa de hóspedes A Lareira Casa bamboo
Turismo no Espaço Rural	Casa do Canal Herdade Monte do Sol Retiro do Mocho Carpe Vita Monte da Xara Quinta das Andorinhas Quinta do Pero Vicente Casa Vicentina Monte João Roupeiro Muxima Monte Velho Barranco da Fonte Casas do Moinho Monte da Vilarinha
Parques de Campismo	Parque de Campismo do Serrão

Anexo XIV - Percurso Cultural da Vila de Aljezur

Fonte: Câmara Municipal de Aljezur, 2012

Âmbito: cultural

Tipo: pedestre

Ponto de partida e de chegada: Posto de Turismo de Aljezur

Distância: 3,6 km

Duração: 3 h

Grau de dificuldade: fácil

Época aconselhada: todo o ano, no entanto, em época de chuvas, a secção do percurso em terra batida, que contorna o perímetro urbano, pode encontrar-se em mau estado, dificultando a sua utilização.

Ponto de Partida: Posto de Turismo de Aljezur (junto ao Mercado Municipal)

Descrição do Percurso

Estando de frente para o Posto de Turismo de Aljezur, siga pela esquerda, junto à margem da ribeira de Aljezur, até à pequena ponte de passagem de peões.

Junto a esta ponte aprecie um painel em azulejos pintados à mão, onde se pode observar uma vista geral da zona histórica da vila de Aljezur, com as indicações dos locais de interesse histórico-cultural a visitar. Atravesse a referida ponte, vire na primeira rua à direita e siga pela mesma que o levará até ao Largo 5 de Outubro.

Largo 5 de Outubro. Do miradouro à sua direita desfruta de uma bonita panorâmica da zona da Igreja Nova, núcleo urbano mais recente, que se desenvolve em torno do principal templo religioso da vila de Aljezur, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Alva. À sua esquerda encontra o edifício do Museu Municipal (século XIX). Aproveite para visitá-lo. Antigo edifício dos Paços do Concelho, passou a desempenhar a função de museu após transferência dos serviços camarários para a outra margem da ribeira de Aljezur. É composto por uma galeria de arte para exposições temporárias e por dois núcleos museológicos: um dedicado à arqueologia, com importantes vestígios arqueológicos encontrados no concelho atribuídos a diferentes períodos históricos (desde o período mirenses, do final da Idade Glaciária – 7000 anos a.C., passando pelo período Neolítico final/Calcolítico, pelo longo período de ocupação islâmica, pós Reconquista Cristã, até ao séc. XVIII) e o outro dedicado à etnografia, apresentando diversos e interessantes

instrumentos utilizados nas lides diárias da população rural, assim como a representação de um quarto e de uma cozinha tradicionais.

Seguindo o percurso e voltando à esquerda encontra uma rua muito íngreme com a Igreja da Misericórdia no seu topo.

Igreja da Misericórdia. Edificada no século XVI e reconstruída no século XVIII, possui um portal renascentista e uma torre sineira do mesmo século. O interior de uma só nave é de grande simplicidade. Anexo a esta igreja, o Museu de Arte Sacra, dedicado ao ilustre aljezurenses Monsenhor Cónego Manuel Francisco Pardal, apresenta um valioso espólio com diversas alfaias religiosas de várias épocas, pertença da Misericórdia local e da Paróquia de Nossa Senhora da Alva.

Após ter visitado a Igreja da Misericórdia, desça um pouco a rua íngreme que subiu anteriormente e vire na primeira à direita. Percorra-a até encontrar à sua esquerda a Rua de Santo António, pequena ruela onde se localiza o Museu Antoniano.

Museu Antoniano. Outrora Capela de Santo António, construção do século XVII, este edifício, recentemente restaurado, alberga um vasto espólio temático dedicado a Santo António, destacando-se imagens do santo de épocas diferentes, quadros, gravuras antigas, livros, moedas e medalhas relativas ao tema. Depois desta visita, prossiga pela rua anterior (Rua do Castelo), onde encontra, cerca de 20 metros mais adiante, à direita, uma discreta placa na parede com a indicação “Casa-Museu Pintor José Cercas”. Merece uma visita.

Casa-Museu Pintor José Cercas. Por testamento lavrado em 1990, o Pintor José Cercas (1914-1992), natural desta vila, legou à Câmara Municipal a sua casa e todo o seu espólio, com a condição de a autarquia criar uma Casa-Museu com o seu nome. Do acervo desta Casa-Museu constam peças de louças nacionais e estrangeiras, faianças, esculturas, arte sacra, valioso mobiliário de várias épocas, quadros e desenhos da sua autoria e outras pinturas de artistas nacionais. Continuando o percurso, vire na segunda ruela à direita, suba-a e vire na próxima à esquerda. Continue por essa rua principal que o levará até ao Castelo de Aljezur.

Castelo de Aljezur. Monumento Nacional, o castelo de Aljezur, fundado no século X pelos árabes, durante o período da ocupação muçulmana do Algarve, foi tomado pelos cristãos, comandados por D. Paio Peres Correia, em 1249. Consta que foi o último castelo a ser conquistado no Algarve, durante o reinado de D. Afonso III. Embora já bastante degradado, ainda mantém a sua cerca de muralhas (século XIV) e duas torres.

Agora faça uma pausa e desfrute de uma magnífica panorâmica a Nascente sobre a vila e várzea de Aljezur, e sobre a sucessão de colinas que representam os contrafortes da serra de Monchique. A Poente, aprecie o Vale D. Sancho, onde outrora existiram magníficos arrozais, e ao fundo o mar a espreitar na Praia da Amoreira.

Continuando o percurso, saia do Castelo, contorne-o tomando a estrada alcatroada que passa a Poente do mesmo e desça cerca de 200 m. Encontrará uma bifurcação. Vire à direita descendo esse caminho em terra batida até ao sopé do cerro do castelo. Quando chegar ao fim, vire novamente à direita e cerca de alguns metros mais adiante, encontrará também à direita a Fonte das Mentiras.

Fonte das Mentiras. Considerada um lugar de conjuntura arqueológica e histórica e tema de variadas lendas, há quem defenda que a Fonte das Mentiras comunica com o castelo através de uma passagem subterrânea, e que ali se escondera uma bela moura, amada por um cristão, aquando da conquista da vila. Siga o percurso pelo mesmo caminho, com a Ribeira de Aljezur por perto, observando a sua galeria ripícola.

Írá agora deparar-se com uma bifurcação, na qual deverá seguir o caminho da direita, que o levará à parte de trás da Igreja da Misericórdia. Entre novamente na vila e vire na primeira rua à sua esquerda (Rua do Forte). No final desta rua, siga pela Rua da Boavista, que se situa do lado esquerdo, e no final da mesma siga o caminho da direita. Aí aprecie o bonito Miradouro Serro do Forte com vista sobre a vila de um lado e sobre o Vale D. Sancho do outro lado. Inicie a descida até à Rua do Norte, na primeira bifurcação volte à esquerda. Continue a descida até à Rua César Viriato França. Agora volte à esquerda e siga em frente. Írá cruzar a Ribeira de Aljezur, por uma ponte de pedra. Na ponte, à direita, é possível observar-se a confluência de duas ribeiras, a de Aljezur e a das Cercas, que seguem em direção ao mar, desaguando na Praia da Amoreira. Passando a ponte encontra, também à direita, um Parque de Merendas. Tirando partido do mesmo, aproveite para descansar um pouco. Repare no painel dedicado à Mondadeira, alusivo à atividade que se exercia nas décadas de 30 a 50 do século XX, nos arrozais localizados no Vale D. Sancho. Retome a caminhada voltando no primeiro caminho à direita, logo após o Parque de Merendas. Acompanhando a Ribeira de Aljezur, aprecie a vista proporcionada pelo casario que se estende pela encosta do cerro denominado de Cabeças, topónimo alusivo à lenda da conquista do Castelo de Aljezur. Chegará agora ao Largo do Mercado e ao Posto de Turismo, finalizando aqui o percurso.

Anexo XV - Percurso Cultural da Vila de Odeceixe

Fonte: Câmara Municipal de Aljezur, 2012

Âmbito: cultural

Tipo: pedestre

Ponto de partida e de chegada: Largo 1º de Maio – Odeceixe

Distância: 1 km

Duração: 1 h

Grau de dificuldade: fácil

Descrição do Percurso

Este percurso desenvolve-se pela malha urbana da vila de Odeceixe, iniciando-se no Largo 1º de Maio, o centro da vila e local de convívio entre gentes locais e muitos turistas que por aqui passam. A partir daqui tome a Rua das Amoreiras. Suba-a e, escassos metros à esquerda, tome a Rua do Gabão. No final desta rua encontrará um pequeno largo (Largo dos Bombeiros) que dá acesso à Rua da Igreja.

Rua da Igreja. Aqui poderá apreciar, no nº 8, uma Porta Manuelina. Chegando ao final desta rua deparar-se-á com a Igreja Paroquial de Odeceixe, local de visita obrigatória.

Igreja Paroquial de Odeceixe. Construída na época medieval, reconstruída no primeiro quartel do século XVI e remodelada nos finais do século XIX (1880). Da arquitectura deste imóvel é de reter a simplicidade do interior e o seu arco triunfal (estilo Manuelino 1517). Possui capela-mor neoclássica, uma pia baptismal de forma hexagonal do mesmo estilo e ainda a imagem de Nossa Senhora da Piedade (séc. XVII) como padroeira.

Depois de uma visita à Igreja, o percurso continua pela Travessa das Camélias, uma escadaria localizada junto ao muro de frente para a fachada principal. Ao longo desta escadaria encontrará ruas transversais à mesma, que, tal como esta, apresentam topónimos curiosos: Rua da Flor, Rua das Violetas... Aproveite para apreciar a arquitectura local, casas térreas tradicionais, com vãos cercados por barras de cor azul ou amarela, algumas ainda antigas, outras já de construção recente, mas respeitando na maior parte dos casos a tipologia tradicional.

A escadaria da Travessa das Camélias conflui com a Rua das Camélias. Siga então pela sua direita até à Rua 25 de Abril. Aqui, vire à esquerda e suba em direcção ao Moinho. Até lá continue a apreciar a arquitectura tradicional da Vila de Odeceixe.

Já no Moinho, se as condições do vento assim o permitirem, não deixe de assistir a uma demonstração sobre o seu funcionamento e sobre as técnicas implícitas na moagem dos cereais. A paisagem que daqui é proporcionada sobre a vila, sobre a várzea e sobre a Ribeira de Seixe, a serpentear até à praia, é magnífica.

Terminada a visita ao Moinho, retome a Rua 25 de Abril, descendo alguns metros até encontrar à sua direita uma azinhaga em escadaria, curiosamente denominada Rua do Desvio. Ao longo da descida desta azinhaga, vislumbre mais uma vez a vista sobre Odeceixe e a vegetação envolvente. Esta ruela típica desemboca na Rua 25 de Abril. Siga então pela sua direita até quase ao final desta rua e de seguida contorne pela esquerda para a Rua Nova, que o levará novamente à baixa de Odeceixe. Ainda nesta rua aproveite para visitar a Adega-Museu (porta nº 32).

Adega-Museu de Odeceixe. Este núcleo museológico pretende recriar um espaço de adega, tal como outrora existiam várias nesta zona, sobretudo entre as décadas de vinte e quarenta do século XX. Esta casa desempenhava para o seu proprietário uma função social. Para ela convidava os amigos para a “prova do vinho” e para a “petisqueira”, como nela se podia ultimar um “negócio” ou oferecer a “adiafa” (refeição ou merenda oferecida aos trabalhadores pela conclusão de uma tarefa agrícola ou de uma construção). No seu espólio podem ser observados os utensílios suficientes para o desempenho da atividade de produção do vinho.

Alguns metros à frente encontra uma bifurcação. Se seguir em frente e alguns metros mais adiante virar à esquerda, chegará ao ponto de partida deste percurso, o Largo 1º de Maio. No entanto, se pretender realizar umas compras, opte pela rua à sua direita, que o encaminhará ao Largo do Povo, onde se localizam, entre outros, o Mercado, a Junta de Freguesia e um banco.

Anexo XVI - Percurso Cultural da Aldeia da Carrapateira

Fonte: Câmara Municipal de Aljezur, 2012

Âmbito: cultural

Tipo: pedestre

Ponto de partida e de chegada: Largo do Mercado - Carrapateira

Distância: 1,2 km

Duração: 1h

Grau de dificuldade: fácil

Ponto de Partida: Largo do Mercado

Descrição do Percurso

Inicie o percurso no Largo do Mercado da Carrapateira (Largo do Comércio). Este é o largo principal da aldeia onde se reúnem gentes locais, turistas, visitantes, muitos deles surfistas oriundos dos quatro cantos do mundo.

De costas para o anfiteatro siga pela rua à sua esquerda. Suba-a e prossiga até chegar a um pequeno largo – Largo das Festas, contorne o largo pela esquerda e continue até à Fortaleza da Carrapateira, virando à direita na Travessa 16 de Novembro.

A Fortaleza foi construída para defesa da costa contra os corsários oriundos do Norte de África. O forte que envolve a Igreja da Carrapateira constitui um interessante exemplo de arquitetura militar do século XVII. A sua reconstrução após o terramoto de 1755, época em que deixou de funcionar enquanto fortaleza, alterou o seu aspeto que originalmente era marcado pelos baluartes existentes em cada um dos seus cantos.

Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Igreja do Período Manuelino edificada no século XVI. As suas formas e texturas, as suas proporções e elementos construtivos revelam características arquitetónicas de feição popular, no entanto, o seu interior revela um discurso mais erudito manifestado nas tábuas Maneiristas e na pia baptismal com capitel Manuelino.

Daqui aprecie a magnífica vista sobre as dunas e a Praia da Bordeira, assim como a várzea verdejante que circunda as margens da Ribeira da Bordeira.

Desça agora a pequena escadaria que deu acesso à igreja e vire na primeira à esquerda. Encontrará de imediato umas escadas que o conduzirão até uma ruela, onde poderá visualizar, ao longo da mesma, as dunas consolidadas no Pontal da Carrapateira. Sob

algumas das dunas estabilizadas surgem campos de fósseis vegetais, do tipo de concreção, com elevado interesse científico (Ramalho, 1995). É possível observar uma significativa diversidade geológica nesta faixa costeira, devido ao forte enrugamento, atividade tectónica e erosão.

Suba pela Rua do Pescador até encontrar o Museu do Mar e da Terra. Este museu apresenta a problemática da inserção das atividades tradicionais no devir das comunidades locais, gentes de terra e de mar. Pretende assim transmitir a vida do mar e de quem dele depende, assim como as atividades relacionadas com a terra, através de audiovisuais e da representação de objetos e utensílios utilizados nessas atividades.

Depois de uma visita ao Museu, deverá seguir o caminho à sua direita, até chegar a uma estrada de terra batida. Siga essa mesma estrada e vire na primeira à direita, subindo uma pequena estrada que o levará até ao Depósito da Água. A partir deste ponto poderá ter uma visão geral do contexto físico em que se insere a Carrapateira, transmitida pelos elementos que pontuam o perfil do aglomerado.

O declive condiciona fortemente a estrutura de ocupação do aglomerado, o qual se desenvolve segundo as curvas de nível, o que resultou na definição de um traçado urbano irregular. O crescimento do aglomerado tem-se processado a partir das cotas mais baixas, onde dominam as construções tradicionais, para as cotas mais altas, ocupadas por edifícios de construção corrente. Os telhados de uma só água que originalmente cobriam uniformemente toda a encosta, acompanhando o acentuado declive dos cerros constituem um dos aspetos mais característicos da imagem da aldeia, assim como os processos construtivos utilizados: alvenaria de xisto, alvenaria de xisto no embasamento da construção, como forma de regularização do afloramento rochoso e taipa cujas camadas assentam em fiadas de pedra de xisto na zona superior das paredes (Plano de Intervenção das Aldeias do Algarve, 2003).

Em jeito de curiosidade, ao largo do Pontal da Carrapateira encontra-se naufragado junto à praia da Bordeira, o navio La Condessa.

Ao descer a encosta irá encontrar a Rua Alegre, no entanto, deverá avançar até ingressar na Rua da Boavista. No fim desta, opte pela rua à sua esquerda – Rua dos Quintais. Se seguir em frente irá ter ao centro urbano. É um centro recente, que se encontrava ainda por construir nos anos 70. Em virtude da expansão da aldeia para Poente, a Estrada Nacional assume, hoje, um papel dominante na estrutura do aglomerado, fazendo parte integrante deste.

Anexo XVII - Roteiro de Arte Manuelina

Fonte: Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur, 2012

Com o terramoto de 1 de Novembro de 1755, a antiga Igreja Matriz de Aljezur, caiu ficando de pé somente a tribuna da Capela-mor, conforme informação do Prior de Aljezur, Padre Martinho Pereira da Silva na Memória Paroquial de 1758.

Como afirma Raúl Proença, no seu Guia de Portugal de 1924, *“Raro será o concelho onde se não encontra janela ou porta a testar a passagem da Arte Manuelina”*. Apesar da Igreja de Santa Maria da Alva, ser de origem medieval, no reinado de D. Manuel I, houve profundas reformas, conforme se poderá verificar pelas várias Visitações da Ordem de Santiago, durante o século XVI, particularmente a Visitação de 12 de Dezembro de 1517.

Assim a sede do Concelho perdeu o seu rico património manuelino, restando apenas a Pia Batismal dessa época, que se encontra na atual Igreja Matriz de Aljezur, além do fuste e base do antigo Pelourinho que se encontra atualmente no Museu Municipal de Aljezur, restando ainda alguns elementos do referido estilo, na Galeria Municipal e no Núcleo Arqueológico.

Na freguesia de Odeceixe, na atual Igreja de Nossa Senhora da Piedade, conforme Visitação de 1526, também nessa época a referida Igreja sofreu profundas reformas conforme relato da citada Visitação.

Além do Arco Triunfal, posto a descoberto recentemente e devidamente tratado, que muito valorizou aquele templo, existe ainda uma bela Pia Batismal de forma heptagonal, certamente com significado simbólico.

Existe ainda na sede desta freguesia, uma porta da mesma época na Rua da Igreja nº. 8. Passando à freguesia da Bordeira, encontramos no antigo cemitério contíguo à Igreja Matriz, uma bela porta manuelina, o mais belo exemplar do manuelino existente no Concelho de Aljezur, executada em pedra mármore.

Na povoação da Carrapateira, antiga freguesia extinta em 1898, é onde se encontra uma maior representação da Arte Manuelina no Concelho.

A porta principal e lateral da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, a Pia Batismal e uma pia de água benta, junto à porta lateral.

Existem ainda outras peças da Arte Manuelina, nomeadamente na Igreja de Nossa Senhora de Alva, Câmara Municipal de Aljezur e Museu de Arte Sacra Mons. Manuel Francisco Pardal, pertença da Santa Casa da Misericórdia de Aljezur.

Anexo XVIII - Circuito histórico-cultural e ambiental de Aljezur

Fonte: Câmara Municipal de Aljezur, 2012

O Município de Aljezur tem em curso um projeto de criação de circuito histórico-cultural e ambiental abrangendo a zona histórica da Vila de Aljezur o qual pretende a recuperação e refuncionalização de circuito pedonal, melhorando e ampliando o existente no núcleo histórico da Vila de Aljezur, prevendo-se a criação de novas valências, até agora inexistentes, ligadas à presença islâmica e à interpretação do meio natural envolvente.

Os inúmeros trabalhos de investigação histórico-arqueológicos realizados nos últimos anos no concelho põem em evidência esta marcada presença do islamismo em Aljezur, a qual se pretende agora tornar mais conhecida e visitável através da instalação de um Núcleo Islâmico em Aljezur, reconvertendo a atual galeria de exposições temporárias no Museu Municipal, e a identificação e interpretação dos padrões do antigo Porto de Aljezur e da sua envolvente ambiental, a Ribeira de Aljezur.

Ao nível da melhoria do percurso, encontram-se em curso obras de remodelação do espaço urbano da vila, as quais visam a reconstituição da autenticidade de troços no núcleo histórico que se encontram descaracterizados e/ou degradados, designadamente a recuperação/colocação de troços de calçada antiga, colocação de luminárias tipo antigo e recuperação dos edifícios da rede de museus - Museu Municipal, Museu Antoniano e Casa Museu Pintor José Cercas. Em certos troços foram ainda realizadas obras de remodelação da rede elétrica, com colocação de cabos elétricos subterrâneos, tendo-se procedido à substituição de condutas de abastecimento de água e colocação de esgotos para águas pluviais.

Prevê-se ainda a criação de condições para a visita auto-guiada ao longo de cerca dos 4 km do percurso, através da colocação de sinalética de orientação, interpretativa e informativa destacando os principais elementos históricos e ambientais. Este percurso encontra-se já devidamente registado pela Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal como Pequena Rota, a primeira a homologar no concelho. A aquisição de áudio-guias para auxílio à interpretação e condução dos visitantes no percurso constitui um aspeto inovador, prevendo-se também a dedicação a um público


mais novo, com guiões de acompanhamento próprios para as crianças. De destacar as diversas valias ambientais previstas, nomeadamente a criação de medidas de eficiência energética na rede de museus e a colocação de candeeiros de iluminação pública com regulador de fluxo energético, a utilização de materiais de baixo impacto ambiental e a criação de programa de educação ambiental associado ao circuito e ao seu património.

Ao nível da promoção, prevê-se a criação de desdobrável de campo e de guia, a produção de documentário vídeo/dvd, pretendendo-se a integração do circuito em redes de promoção de oferta de serviços/produtos turísticos e culturais/ambientais da região, assim como a realização de sessões para a população e agentes socioeconómicos. O projeto, a concluir até ao final de 2012, tem o financiamento do PRODER/GAL ADERE (Medida 3.2.1 Valorização e Conservação do Património Rural), num investimento total superior a 200.000€ e integra diversas parcerias locais e regionais, designadamente Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur, Direção Regional da Cultura do Algarve, Turismo do Algarve, Administração da Região Hidrográfica do Algarve, Casas Brancas – Associação de Turismo de Qualidade do Litoral Alentejano e Costa Vicentina, Agrupamento Vertical de Escolas de Aljezur e Instituto da Conservação da Natureza e Biodiversidade – PNSACV.

Anexo XIX - Análise SWOT, Avaliação Global da sustentabilidade

Fonte: Agenda XXI Aljezur, 2012

Agenda 21 de Aljezur




Diagnóstico para a Sustentabilidade


Avaliação Global da Sustentabilidade

Forças	Fraquezas
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Taxa de crescimento migratório positivo; ✓ Redução da taxa de abandono escolar; ✓ Património natural, cultural e gastronómicos singulares; ✓ Clima favorável prática turismo todo o ano; ✓ Território inserido em Áreas Classificadas. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Baixa densidade populacional; ✓ Índice de envelhecimento elevado; ✓ Elevada taxa de analfabetismo; ✓ Elevada distância espacial e temporal aos equipamentos colectivos de saúde e educação; ✓ Fraca dinamização do tecido empresarial (número de empresas e empregabilidade); ✓ Fraca adesão da população ao associativismo cultural; ✓ Baixa participação pública da população em actos eleitorais.

aljezur



Agenda 21 de Aljezur




Diagnóstico para a Sustentabilidade

Avaliação Global da Sustentabilidade

Oportunidades	Ameaças
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Condicionais naturais, culturais e históricos favoráveis ao desenvolvimento de turismo; ✓ Espaço de apoio criação de nichos de empresas; ✓ Construção do Parque de Feiras e Exposições; ✓ Processo de certificação da batata-doce; ✓ Existência de diversos programas de cariz social 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Capitações elevadas de consumo de água, RSU e energia; ✓ Fraca empregabilidade no tecido empresarial; ✓ Pouca qualificação da oferta e da mão-de-obra na área da hotelaria e restauração.

aljezur



Anexo XX - Levantamento Fotográfico

Fonte: Autoria Mónica Viegas

A Vila de Aljezur



Fotografia 1 – Zona histórica, Vila de Aljezur, 08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



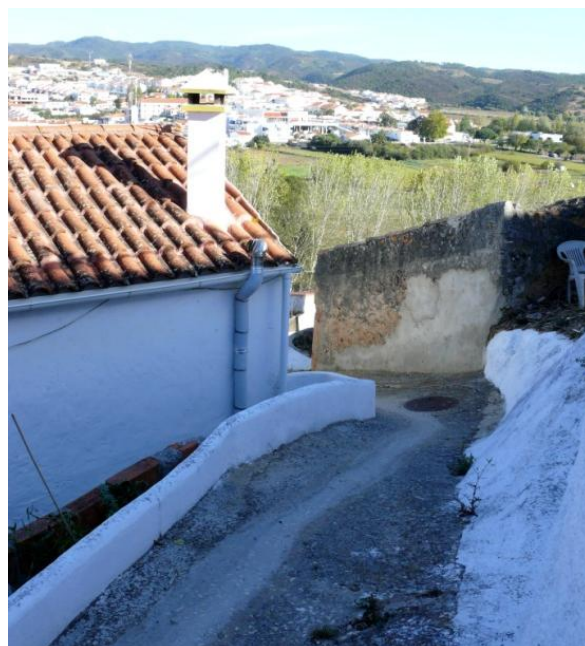
Fotografia 2 – Zona histórica, Vila de Aljezur,
08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 3 – Zona histórica, Vila de Aljezur,
08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 4 – Zona histórica, Vila de Aljezur, 03.03.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 5 – Zona histórica, Vila de Aljezur, 08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 6 – Museu Municipal de Aljezur, Zona Histórica de Aljezur 08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 7 – Zona histórica, Vila de Aljezur 08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 8 – Zona histórica, Vila de Aljezur, 03.03.2012
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 9 – Zona histórica, Vila de Aljezur, 08.10.2012
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 10 – Zona histórica, Vila de Aljezur, 08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 11 – Zona histórica, Vila de Aljezur, 08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 12 – Igreja da Misericórdia, centro histórico da vila de Aljezur, 08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 13 – Detalhe da Igreja da Misericórdia, Vila de Aljezur, 08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 14 – Ponte sobre a Ribeira de Aljezur, Vila de Aljezur, 03.03.2012
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 15 – Ponte Pedestre sobre a ribeira de Aljezur, 03.03.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 16 – Homenagem às “Mondadeiras” na zona histórica da Vila de Aljezur, 08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 17 – Detalhe de porta na zona histórica, Vila de Aljezur, 08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 18 – Detalhe das telhas de um edifício na Zona histórica, Vila de Aljezur, 08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 19 – Antigo local onde se lavava a roupa e forno antigo, zona histórica, Vila de Aljezur, 08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 20 – Forno antigo na zona histórica, Vila de Aljezur, 08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 21 – Painel de Azulejos, zona histórica, Vila de Aljezur, 08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 22 – Painel de azulejos com toponímia de uma rua na Zona histórica, Vila de Aljezur, 08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 23 – Chaminé, zona histórica, Vila de Aljezur, 03.03.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 24 – Chaminés, zona histórica, Vila de Aljezur, 03.03.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 25 – Fonte antiga na Zona histórica, Vila de Aljezur, 03.03.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 28 – Candeeiro, zona histórica, Vila de Aljezur, 08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 27 – Chaminé, zona histórica, Vila de Aljezur, 08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 26 – Detalhe de uma parede de um edifício abandonado, na zona histórica, Vila de Aljezur, 03.03.2012. Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 29 – Igreja Nova (Vista do Castelo) 03.03.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 30 – Igreja Matriz de Nossa Srª Alva, Igreja Nova,
03.04.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 31 – Detalhe da Igreja
Matriz de Nossa Srª Alva, Igreja
Nova, 07.11.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 32 – Vista da zona histórica de Aljezur, fotografada a partir da Igreja Matriz de Nossa Sr^a Alva, 08.10.2012.

Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 33 – Fonte de Santa Susana, na entrada de Aljezur, EN 120, 20.04.2012.

Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 34 – Detalhe da Fonte de Santa Susana, na entrada de Aljezur, EN 120, 20.04.2012.

Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 35 – Fonte das Mentiras, Vila de Aljezur, 27.05.2012.

Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 36 – caminho para a Fonte das Mentiras, Vila de Aljezur, 27.05.2012.

Autoria: Mónica Viegas

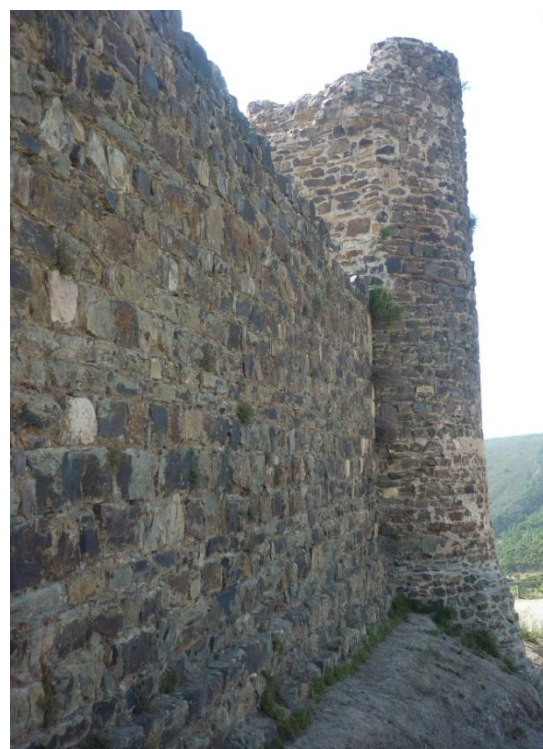
O Castelo de Aljezur



Fotografia 37 – Castelo de Aljezur, 08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



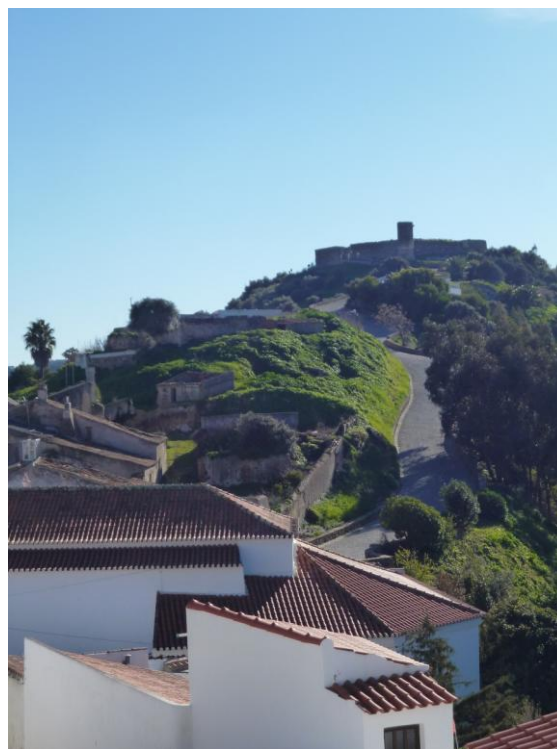
Fotografia 38 – Castelo de Aljezur, 08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 39 – Castelo de Aljezur, 08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 40 – Castelo de Aljezur, 08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 41 – Castelo de Aljezur, 03.03.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 42 – Castelo de Aljezur, 08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 43 – Detalhe Castelo de Aljezur,
08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 44 – Placa Interpretativa, Castelo de Aljezur, 03.03.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 45 – Entrada para o Castelo, Placa Interpretativa, Castelo de Aljezur, 08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas

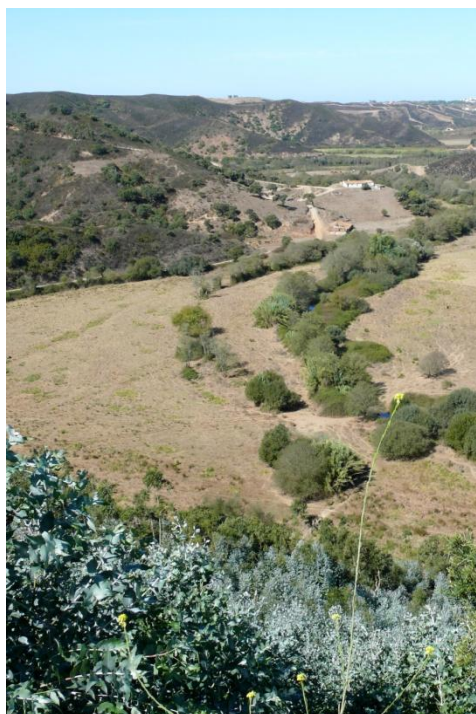


Fotografia 46 – Entrada para o Castelo, Placa Interpretativa, Castelo de Aljezur, 08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas

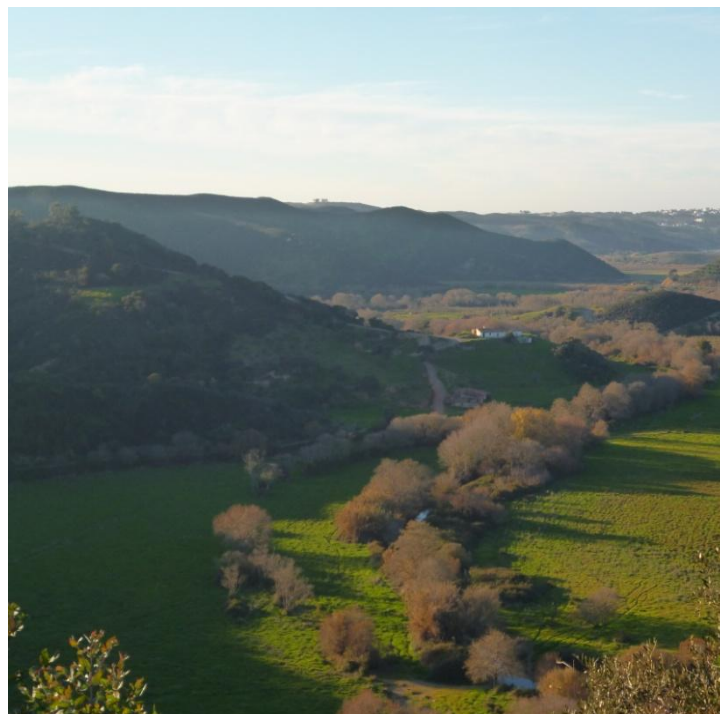


Fotografia 47 – Castelo de Aljezur e Várzea, fotografada desde a estrada Parte histórica, Vila de Aljezur, 03.03.2012.
Autoria: Mónica Viegas

A Várzea



Fotografia 48 – Várzea, fotografada desde o Castelo de Aljezur, 08.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 49 – Várzea, fotografada desde o Castelo de Aljezur, 06.01.2012.
Autoria: Mónica Viegas



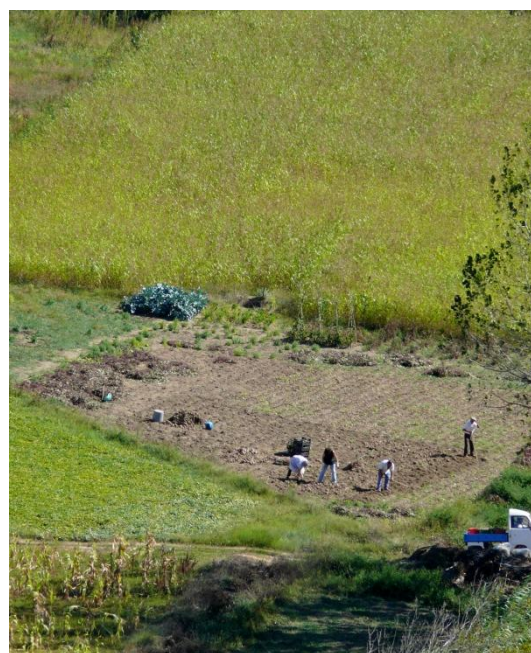
Fotografia 50 – Várzea entre zona histórica de Aljezur e “Igreja Nova”, Fotografada desde o Castelo de Aljezur, 03.07.2011.

Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 51 – Várzea, Vila de Aljezur, 03.07.2011.

Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 52 – Detalhe várzea, Vila de Aljezur, 08.10.2012.

Autoria: Mónica Viegas

A Vila de Odeceixe



Fotografia 53 – Moinho, Vila de Odeceixe, 28.09.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 54 – Edifício, Vila de Odeceixe, 28.09.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 55 – Detalhe de platibanda de um edifício no centro da Vila de Odeceixe, 28.09.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 56 – Centro Vila de Odeceixe, 28.09.2012.

Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 57 – Escadaria, Centro Vila de Odeceixe, 28.09.2012.

Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 58 – Igreja Matriz de Odeceixe, 28.09.2012.

Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 59 – Detalhe paredes caídas de um edifício no centro da vila de Odeceixe, 28.09.2012.

Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 60 – Moinho de Odeceixe, 28.09.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 61 – Entrada do Moinho de Odeceixe, 28.09.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 62 – Vista sobre a Vila de Odeceixe, Fotografa desde o Moinho de Odeceixe, 28.09.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 63 – Zona de Várzea de Odeceixe, Rio Seixe, 28.09.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 64 – Sinalética da Rota Vicentina e GR 11, Vila de Odeceixe, 28.09.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 65 – Praia de Odeceixe, 02.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas

Praia da Amoreira



Fotografia 66 – Praia da Amoreira, 22.04.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 67 – Praia da Amoreira, 22.04.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 68 – Praia da Amoreira, 22.04.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 69 – Praia da Amoreira, Vila de Aljezur,
12.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 70 – Praia da Amoreira, 12.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas

Praia da Arrifana



Fotografia 71 – Arrifana, 21.03.2012.
Autoria: Mónica Viegas



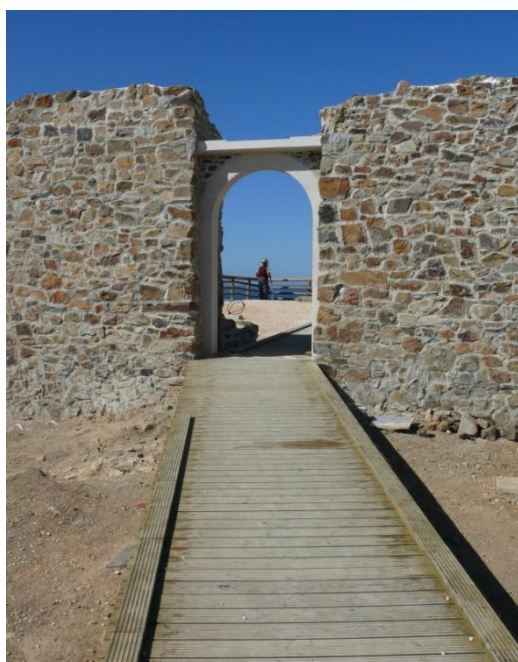
Fotografia 72 – Praia da Arrifana, 21.03.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 73 – Porto de Arrifana, 21.03.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 74 – Fortaleza da Arrifana, 21.03.2012
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 75 – Parte histórica, Vila de Aljezur,
21.03.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 76 – Parte histórica, Vila de Aljezur,
2103.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 77 – Ruínas perto do Ribat da Arrifana, 21.03.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 78 – Ribat da Arrifana, 21.03.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 79 – Ribat da Arrifana, 21.03.2012.
Autoria: Mónica Viegas

Monte Clérigo



Fotografia 80 – Monte Clérigo, 22.04.2012
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 81 – Edifício, Monte Clérigo,
22.04.2012.
Autoria: Mónica Viegas



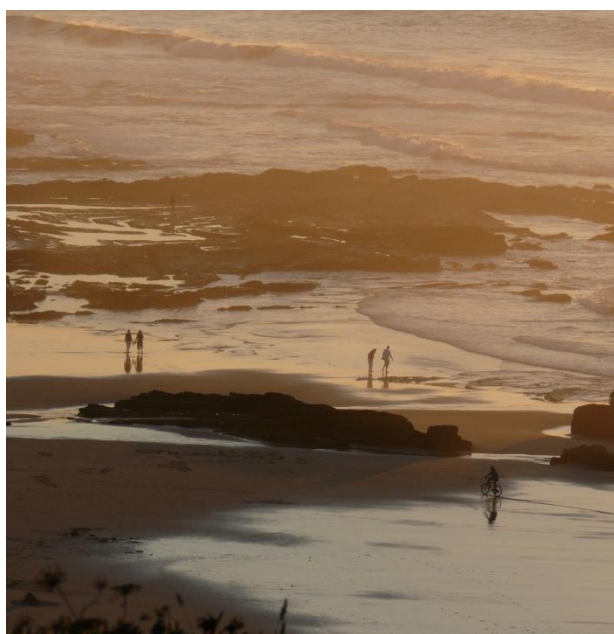
Fotografia 82 – Detalhe de Edifício, Monte Clérigo,
22.04.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 83 – Monte Clérigo, 02.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 84 – Gado na Praia de Monte Clérigo, 02.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 85 – Praia de Monte Clérigo, 02.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas

Algumas atividades



Fotografia 86 – Surf, Praia de Monte Clérigo, 02.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 87 – Pesca Praia de Monte Clérigo, 02.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 88 – WindSurf, Praia da Bordeira, 08.08.2011.
Autoria: Mónica Viegas

Alguns produtos



Fotografia 89 – Perceves, Praia do Monte Clérigo, 02.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 90 – Mexilhão, Praia do Monte Clérigo, 02.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas



Fotografia 91 – Lapas, Praia do Monte Clérigo, 02.10.2012.
Autoria: Mónica Viegas

